



A IMPORTÂNCIA DO PEDAGOGO NOS DIAS ATUAIS



Abigail Ferreira da SILVA

Especialista e Professora do Curso de Pedagogia da EDUVALE

Terezinha Félix Silva de DEUS

Especialista e Professora do Curso de Pedagogia da EDUVALE

Waléria Martins de ARAÚJO

Mestre e Professora do Curso de Pedagogia da EDUVALE

RESUM O

Este artigo pretendeu abordar uma problemática nacional – a importância do pedagogo nos dias atuais. Através das opiniões negativas sobre o pedagogo, procura analisar o papel do professor mostrando-o como indispensável.

Palavras-chave: pedagogia, professor, educação, desvalorização profissional, informatização.

ABSTRACT

This article intended to approach a national problem—the educator's importance in the current days. Through the negative opinions on the educator, it tries to analyze the teacher's paper showing it as indispensable.

Word-key: pedagogy, teacher, education, professional devaluation, informatization.

Na região Centro-Oeste, bem como em todo o Brasil, professores da área de educação e a comunidade em geral, possuem uma descrença a respeito do Curso de Pedagogia, e também, sobre o valor do Pedagogo.

Nesse sentido, José Carlos Libâneo, no livro *Pedagogia e pedagogos, para quê?* (Cortez, 2000) comenta que *“hoje em dia, muitos pedagogos parecem estar se escondendo de sua profissão ou, ao menos, precisando justificar cotidianamente seu trabalho”*. (p. 21)

Isso pode ser justificado pelas dificuldades da profissão de pedagogo, como: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional, implicando baixo *status* social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo, etc.

De acordo com Libâneo, no livro *Adeus professor, adeus professora?* (Cortez, 2000), têm sido freqüentes as afirmações de que a profissão de professor está fora de moda, de que ela perdeu seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação. Estes seriam muito mais eficientes do que outros agentes educativos para garantir o acesso ao conhecimento e a inserção do indivíduo na sociedade.

Muitos pais já admitem que a melhor escola é a que ensina por meio de computadores, porque prepararia melhor para a sociedade informacional. As questões de aprendizagem seriam resolvidas com a tecnologização do ensino.

Desse modo, não haveria mais lugar para a escola e para os professores. Numa sociedade sem escolas, os jovens aprenderiam em Centros de Informação por meio das novas tecnologias, como televisão, vídeo, computadores. *“Será assim? Terá chegado o tempo em que não serão mais necessários os professores? Se ainda forem úteis, serão capazes de competir com os meios de comunicação, recursos muito mais poderosos na motivação dos estudantes do que a sala de aula? A instalação de computadores e de outros meios tecnológicos nas escolas substituirá o professor? Ou as próprias escolas irão desaparecer, substituídas por Centros de Informática ou Centrais de Teleeducação e Multimídia?”* (Libâneo, Cortez, 2000, p. 13)

São perguntas embaraçosas que confundem a cabeça das pessoas. Muitos professores temem perder o emprego, outros se apavoram quando são pressionados a lidar com equipamentos eletrônicos. Por outro lado, setores ligados a órgãos oficiais (Secretarias de Educação, por exemplo) imaginam que a utilização das novas tecnologias seria suficiente para formar ou capacitar professores, tornando-os técnicos executores de pacotes de instruções. Também não faltam educadores entusiasmados com a ilusão de que a informação recebida dos meios de comunicação substituiria a necessidade do domínio de conhecimentos.

Entretanto, para Carlos Rodrigues Brandão, no livro *O que é educação* (Brasiliense, 1995), ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações? Não há uma forma única nem um único modelo de educação: a escola não é o único lugar em que ela acontece e, talvez, nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é o seu único praticante.

Conseqüentemente, para José Carlos Libâneo, no livro *Pedagogia e pedagogos, para quê?* (Cortez, 2000), essa ampliação do conceito de educação, decorrente da complexificação da sociedade e da diversificação das atividades educativas, não poderia deixar de afetar a Pedagogia, tomada como teoria e prática da educação. Em várias esferas da sociedade surge a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes), levando às práticas pedagógicas. Mesmo no âmbito da vida privada, diversas práticas educativas levam, inevitavelmente, a atividades de cunho pedagógico na cidade, na família, nos pequenos grupos, nas relações de vizinhança. Em resumo, estamos diante de uma sociedade genuinamente pedagógica.

Verifica-se, pois, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal. Apesar disso, não deixa de ser surpreendente que instituições e profissionais cuja atividade está permeada de ações pedagógicas, desconheçam a teoria pedagógica.

Ora, a palavra pedagogia origina-se da Grécia, onde velhos escravos – quase sempre cativos estrangeiros – conduziam crianças a caminho da escola de primeiras letras. E por que eles e não os mestres que nas escolas ensinavam? Porque os escravos pedagogos – condutores de crianças – eram afinal, seus educadores, muito mais do que os mestres-escola. Eles conviviam com a criança e o adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da polis. O pedagogo era o condutor, por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola, por caminhos da vida.

Nesse sentido, *“Pedagogia busca unir a teoria e a prática a partir de sua própria ação. É nesta produção específica da relação teoria-prática em educação, que a Pedagogia tem sua origem, se cria, se inventa e se renova”* (pedagogo francês Jean Houssaye, 1996, In Libâneo, no livro *Pedagogia e pedagogos, para quê?*, Cortez, 2000).

Há então, uma necessidade de conscientizar de que não só o professor tem o seu lugar, como

sua presença torna-se **INDISPENSÁVEL** para a criação das condições cognitivas e afetivas, que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas variadas de intervenção educativa urbana. Portanto, o valor da aprendizagem escolar está justamente na sua capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência, por meio de mediações cognitivas e interacionais providas pelo professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quem?** São Paulo: Cortez, 2000.

Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção questões da nossa época, v. 67).

PESSANHA, Eurize Caldas. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões da nossa época, v. 34).

SILVA, Carmem Silvia Bissolli. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 66).